

Paulo Freire e a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Elisiani Vitória Tiepolo¹

¹Universidade Federal do Paraná - UFPR. Departamento de Linguagem e Comunicação. Rua Jaguariaíva, 512. Matinhos - PR. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: elisianivt@gmail.com

RESUMO. Esse texto é parte de uma pesquisa sobre a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O Movimento tem como um de seus fundamentos a pedagogia de Paulo Freire e compreende a alfabetização para além da decodificação e do mero conhecimento do sistema alfabético, mas como processo de conscientização. Nesse sentido, se apropriar da escrita é se apropriar de um instrumento de luta necessário para a emancipação. Porém, em seu percurso, o MST foi estabelecendo parcerias que pudessem garantir a implementação de seus projetos de educação, e essas parcerias também trouxeram para dentro do Movimento outros referenciais teóricos. Recentemente, a adoção do método cubano *Sim, Eu Posso!* (SEP), cujo vínculo é com a perspectiva tradicional de alfabetização, trouxe um elemento de tensionamento e a necessidade de que se investigue em que medida os pressupostos freireanos continuam fundamentando as práticas alfabetizadoras do MST. Para essa investigação, se recorreu à pesquisa bibliográfica, à análise de materiais produzidos pelo MST e à pesquisa de campo.

Palavras-chave: Alfabetização de Jovens e Adultos, Alfabetização, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Paulo Freire and the literacy of young people and adults in the Landless Workers Movement (MST)

ABSTRACT. This text is part and a survey on the literacy of young people and adults in the Landless Workers Movement (MST). The Movement has as one of its foundations in the pedagogy of Paulo Freire understands literacy beyond the decoding and the mere knowledge of the alphabetical system, but as a process of awareness. In this sense, ownership of the writing is appropriate for an instrument of struggle necessary for the emancipation. However, in your route, the MST has been establishing partnerships that could ensure the implementation of its education projects, and these partnerships also brought into the Movement other theoretical references. More recently, the adoption of the *Sim, Eu Posso!* (SEP), Cuban method, whose link is with the traditional literacy perspective, has brought a further element of tension and the need to investigate the extent to which Freirean assumptions continue to underpin MST literacy practices. For this investigation, bibliographical research, the analysis of materials produced by the MST and field research.

Keywords: Young People and Adults, Literacy, Landless Workers Movement (MST).

Paulo Freire y la Alfabetización de jóvenes y adultos en el MST (Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra)

RESUMEN. Este texto es parte y una investigación sobre la alfabetización de jóvenes y adultos en el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST). El Movimiento tiene como uno de sus fundamentos la pedagogía de Paulo Freire y comprende la alfabetización más allá de la decodificación y del mero conocimiento del sistema alfabético, sino como proceso de concientización. En ese sentido, apropiarse de la escritura es apropiarse de un instrumento de lucha necesario para la emancipación. Sin embargo, en su recorrido, el MST fue estableciendo alianzas que pudieran garantizar la implementación de sus proyectos de educación, y esas alianzas también trajeron dentro del Movimiento otros referentes teóricos. Más recientemente, la adopción del método cubano *Sim, Eu Posso!* (SEP), cuyo vínculo es con la perspectiva tradicional de alfabetización, trajo otro elemento de tensión y la necesidad de que se investigue en qué medida los supuestos freireanos continúan fundamentando las prácticas alfabetizadoras del MST. Para esa investigación, se recurrió a la investigación bibliográfica, al análisis de materiales producidos por el MST ya la investigación de campo.

Palabras clave: Alfabetización de Jóvenes y Adultos, Alfabetización, Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).

Introdução

Este texto é parte de uma pesquisa que investiga a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), buscando a presença dos pressupostos da pedagogia de Paulo Freire na Campanha Nacional de Alfabetização, que adota o método cubano *Sim, Eu Posso!* (SEP)¹. A pesquisa de campo foi realizada no Extremo Sul da Bahia, com o acompanhamento de duas Campanhas, em 2015 e 2017. Além da pesquisa de campo, foram analisados materiais produzidos pelo MST, assim como realizada pesquisa bibliográfica, especialmente em Paulo Freire, tendo em vista que, desde seus primórdios, o Movimento se fundamenta na obra desse educador.

Para o MST, a construção de um novo projeto educacional e social é condição para a formação e transformação das relações sociais historicamente construídas no mundo rural, em que há “uma vinculação direta da condição de pobreza, do latifúndio e da desigualdade social com a existência de pessoas que não sabem ler nem escrever” (Caldart *et al.*, 2012, p. 284) e lutar contra o analfabetismo é uma das condições para o acesso a terra e ao saber. O próprio Movimento pode ser considerado como um sujeito pedagógico (Caldart, 2000) e há

uma “pedagogia em marcha, que vai além da escola, na própria história, nas lutas sociais, na prática produtiva e política”. (Arroyo, 2012, p. 15). Na pedagogia do Movimento, a produção do conhecimento só pode ser entendida como forma de intervenção no mundo. Ou seja, a luta pela educação é parte indissociável da própria história da luta pela terra. Por isso,

A preocupação em formar lideranças de base, militantes e dirigentes sempre esteve presente na vida do MST desde a sua criação. Com objetivo de ser um movimento autônomo e independente político e ideologicamente – autonomia entendida aqui como capacidade de pensar, tomar decisões e andar por conta própria, auto-organização, sem se isolar e descuidar das relações sociais, políticas e culturais que se estabelecem com outras forças e segmentos sociais que contribuem com o crescimento e fortalecimento do Movimento. O MST elabora uma concepção própria de formação, adaptada às suas demandas e características. (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2001, p. 107-108).

Fruto dessa luta, já foram conquistadas 2.250 escolas públicas nos acampamentos e assentamentos em todo país, mais de 4 mil professores foram formados no Movimento e em torno de 10 mil professores atuam nessas escolas; mais de 100 mil Sem Terra, entre crianças, jovens e adultos foram alfabetizados;

aproximadamente 5 mil trabalhadores rurais do MST estudam em 50 instituições públicas em cursos técnicos de nível médio, superior e especializações (MST, Quem Somos, s./d). Luta que se inicia no mesmo ano do nascimento do MST, em 1984, quando os posseiros, atingidos por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores, enfim, os trabalhadores rurais sem terra traçaram três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país (MST, Surge o MST, s./d). Ou seja: produzir alimentos, cultura e conhecimentos.

Em 1987, no Encontro Nacional de Professoras dos Assentamentos, o Setor de Educação foi formalizado, com o objetivo de investir na construção de um sistema próprio de educação que pudesse desenvolver a consciência crítica dos educandos; possibilitar o acesso a conteúdos que levem à reflexão e à construção de um mundo mais justo e solidário; transmitir a história e o significado da luta pela conquista da terra e da reforma agrária; desenvolver atividades que visem à capacidade técnica dos alunos para experiência de trabalho (MST, Nossa História, s./d). Porém, o embrião desse Setor já estava no acampamento Encruzilhada Natalino, na Fazenda Annoni, no Rio Grande do Sul, em 1981,

quando uma equipe de professores começou a ensinar as crianças do acampamento. Além dos professores, pais, alunos e lideranças assumiram o compromisso de articular as questões práticas para o funcionamento da escola.

O MST e a alfabetização de jovens e adultos

De acordo com a PNAD, 2012 (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), a maioria da população de analfabetos está na área rural. A taxa de analfabetismo nesses locais chegava a 19%. Por isso, alfabetizar jovens e adultos sempre foi um passo importante para formação dos militantes e intelectuais do próprio Movimento, sendo indissociável da luta pela terra, pois a sua concentração gera desigualdade em todos os setores:

Quanto maior a concentração de terra, maior a concentração de investimento, de maquinário, que vai se expandindo para diferentes setores. A modernização da agricultura não demonstrou melhora na condição de vida da população. Números preliminares mostram que os municípios com maior concentração têm nível maior de pobreza. Quando olhamos para a América Latina, onde atuamos há mais de 50 anos, no estudo específico do Brasil percebemos que o tema da terra é a expressão máxima da desigualdade. Porque se tem 1% de propriedade controlando 50% da área rural da região. É um número muito

forte quando se pensa na importância da terra para o desenvolvimento de um país. Quando se fala de terra se fala de pessoas, de controle de recursos naturais, de desenvolvimento econômico, social, da questão cultural. A terra expressa muito o que é uma sociedade e a América Latina é a região com maior desigualdade na concentração de terra no mundo. E um olhar sobre o Brasil mostra que ele tem 0,95 % de propriedades rurais controlando 45% de nossa área rural. São números que expressam a que ponto chegou a desigualdade no nosso país. (Gonzalez, 2016, s/p).

Em 1991, o MST implantou o 1º Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos, no Rio Grande do Sul, com 100 turmas em todo o Estado. Paulo Freire esteve presente no lançamento das turmas, e afirmou:

Esta tarde é o começo de algo que já começou. Começou até o momento mesmo das primeiras posições de lutas que vocês assumiram, mas esta tarde marca o começo mais sistematizado, de um novo processo ou de um desdobramento do primeiro, de um grande processo de luta que é um processo político, que é um processo social e que também é um processo pedagógico. Não há briga política que não seja isso. Mas o começo mais sistemático a que me refiro que ainda hoje inicia, tem a ver exatamente com dois direitos fundamentais, entre outros, mas dois direitos fundamentais que poucos têm e polos quais temos que brigar. O direito de conhecer, o conhecer o que já se conhece, e o direito a conhecer o que ainda não se conhece. (Freire, 1997, s/p).

Nesse mesmo ano, foi publicado o *Caderno Grito de Liberdade: Alfabetização*. O primeiro seminário de Educação de Jovens e Adultos aconteceu em 1993 e, em 1994, foram publicados o *Caderno da Educação Nº 04, Alfabetização de Jovens e Adultos: Didática da Linguagem*, e o *Caderno de Educação nº 05, Alfabetização de jovens e adultos: educação matemática*. Desde então, são inúmeros os materiais produzidos e os encontros e formações, em diferentes níveis, realizados em todo o Brasil, tendo os fundamentos de Paulo Freire embasando a alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de tal forma que o lema freireano “Sempre é tempo de aprender” está presente nos assentamentos e acampamentos das mais diversas formas, não só em materiais de apoio, mas nas místicas, nas canções, nos nomes de brigadas, nas conversas do dia a dia.

Para Freire (1997), o analfabetismo é fruto de estruturas sociais desiguais e não resultado de histórias individuais de fracasso social e escolar. Essa concepção significa uma radicalidade na compreensão de que alfabetizar é muito mais do que ensinar a tecnologia da escrita, mas é possibilitar que as pessoas compreendam-se como oprimidas e elas mesmas lutem para a superação dessa condição. Nessa

perspectiva, a escrita é um direito e uma arma de luta. Por isso, o encontro entre o MST e Paulo Freire é um encontro de concepção de mundo, de fundamentação teórica, de método e de práxis revolucionária.

O livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968, quando Freire encontrava-se exilado no Chile, contém dois conceitos que são fundamentais para pedagogia de luta do MST: a conscientização e libertação. A libertação é a “vocação ontológica da humanidade”, enraizamento na opção de transformação da situação real e opressora em que vivem os oprimidos, “práxis da busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”. (Freire, 1983, p. 31). Além disso, Freire aponta algumas características que são fundamentais e estão presentes na dinâmica educativa do MST: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

A educação é um ato de conhecimento, uma forma de aproximação crítica e transformadora da realidade. No livro *Conscientização*, escrito na década de 70, essa é a palavra geradora de toda a discussão, já explicitada no título; e em seus livros posteriores ela continua sendo fundamento, mesmo quando não aparece de forma explícita. Sendo um ato de

intervenção no mundo, a educação libertadora é aquela pela qual os sujeitos tomam consciência de suas escolhas, sabendo que a realidade pode ser mudada. Ou seja, um ato de ação-reflexão-ação. A partir da década de 1990, Freire irá incluir às dimensões política e epistemológica a dimensão estética (intuição, emoção, prazer, amorosidade e a alegria, etc.).

Por isso, a alfabetização só pode ser compreendida, na perspectiva freireana, enquanto compromisso histórico, pois implica em fazer e refazer a história. Ou seja, a alfabetização deve contribuir para o desvelamento dos processos de opressão e dominação no mundo do trabalho e das desigualdades das condições da vida, caso contrário, pode até instrumentalizar, mas não liberta, pelo contrário, reforça a opressão. Nesse sentido, a alfabetização precisa trazer a discussão dos temas centrais do cotidiano dos educandos e suas contradições; se pautar pela práxis, pela articulação entre o pensar, o falar, o fazer e o agir, o escrever o vivido e o pensado; se fundamentar na pesquisa sociológica (escolha das palavras), na tematização (palavras geradoras) e na problematização (transição da consciência ingênua para a consciência crítica); ser dialógica, construída a partir das histórias de vida, do questionamento e da reflexão acerca da realidade, de forma a que cada sujeito

encontre suas próprias respostas e desenvolva a consciência de classe.

Celso de Rui Beisiegel, que conviveu e debateu os temas da educação com Paulo Freire, afirmou, em entrevista para com a *Revista Lusófona de Educação* (2013):

No que diz respeito à profundidade, não há nenhum exemplo melhor do que a proposta de Paulo Freire para entender a teoria formulada por Marx para a educação, muito mais do que o modo como os famosos educadores soviéticos a explicam. Cada um deles é notável, mas a proposta de Paulo Freire é muito mais ampla. (Beisiegel, 2013, p. 170).

Assim, a pedagogia de Paulo Freire e o MST se identificam na luta pela transformação da sociedade capitalista em uma sociedade não hegemônica pelo capital, rumo a uma sociedade mais humana. Segundo Roseli Caldart, Freire foi o educador que abriu caminho para o diálogo entre a educação e os movimentos sociais, pois:

construiu sua reflexão em torno do processo de produção do ser humano como sujeito, e da potencialidade educativa da condição de oprimido e do esforço em tentar deixar de sê-lo, o que quer dizer, de tentar transformar as circunstâncias sociais desta sua condição, engajando-se na luta pela sua libertação. (Caldart, 2000, p. 203).

No dia 17 de abril de 1997, apenas alguns dias antes do seu falecimento, Freire concedeu entrevista anunciando seu

posicionamento frente às mobilizações desencadeadas pelos movimentos sociais, em especial, pelo MST:

Eu estou feliz por estar vivo ainda e ter acompanhado essa marcha, como outras marchas históricas, revela o ímpeto da vontade amorosa para o mundo essa marcha chama Sem Terra. Eu morria feliz se eu visse o Brasil em seu tempo histórico cheios de marchas “... Os Sem Terra constituem pra mim hoje uma das expressões mais fortes da vida política e da vida cívica deste país. Por isso mesmo é que se fala contra eles e até de gente que se pensou progressista” ... “Eu fiquei com Marx na mundalidade na procura de Cristo na transcendentalidade”. (Freire, 1997, s./p.).

Para Ademar Bogo, a grande descoberta de Paulo Freire, já no final da década de 1950, foi que aprendemos a ler o mundo que nos cerca, antes mesmo das palavras e frases. A partir daí ele tornou-se “o grande pedagogo, amigo e militante das lutas sociais”. (Bogo, 2013, p. 1). Afinal, para Freire:

... aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (Freire, 1983, p. 35).

Mais do que uma metodologia de alfabetização, Paulo Freire construiu uma concepção de educação como processo de

humanização, ou seja, de libertação-emancipação. Emancipação subjetiva e coletiva, que se constrói junto com o Movimento, operando a sua modificação e por ele sendo modificado. Neste sentido, o MST proporciona aos seus militantes a conquista da cidadania, resgatando um dos princípios fundamentais de toda República, que é o direito à educação. E a base desse acesso está na alfabetização, já que, em uma sociedade letrada e informatizada, dominar a linguagem escrita é condição para que as pessoas possam não só defender seus direitos expressos na Constituição, mas, além disso, possam construir outros mundos possíveis, que rompam com a lógica da separação entre um saber letrado e um popular, entre saber erudito e escolar, em contraposição ao saber popular.

O MST e o *Sim, Eu Posso!*

O *Yo, Sí Puedo* foi construído pela pedagoga cubana Leonela Relyz Diaz (que atuou como alfabetizadora durante a revolução cubana) para a Venezuela, em 2003, durante a presidência de Hugo Chaves, levando o país a ser declarado como “território livre do analfabetismo”, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Leonela Inés Relys Díaz era doutora em ciências da educação,

professora da Universidade de Havana e assessora acadêmica do Instituto Pedagógico Latino Americano y Caribeño (IPLAC). Ela faleceu em 2015. Seu método já alfabetizou mais de oito milhões de pessoas em todo o mundo, sendo premiado pela UNESCO; porém, nunca foi usado em Cuba, território livre do analfabetismo desde 1961.

O Brasil foi o primeiro país em que o SEP foi adaptado para outro idioma. A sua entrada foi favorecida pelo protocolo internacional de cooperação com Cuba, realizado pelo Governo Federal, em 2005. Em 2006, o Movimento decidiu fazer uma experiência piloto no Maranhão, Sergipe, Ceará, Pará, Pernambuco, Piauí, Paraná e Bahia. Em 2008, adotou o SEP na Campanha Nacional de Alfabetização, especialmente nos estados da Região Nordeste.

O material, de baixo custo, é composto por uma cartilha e 65 vídeo-aulas, para ser trabalhado em cinco dias da semana, com uma hora e trinta minutos para cada encontro, em um período de três meses. Organiza-se a partir da relação entre números e letras, sendo que para cada letra há um número correspondente. Em entrevista, Diaz afirmou que:

Estamos conscientes que o “Sim, eu posso” proporciona os códigos linguísticos necessários para aprender a ler e escrever. Em nenhum

momento, pensamos que o programa é para fazer um exame de ingresso em uma universidade. É para dar os primeiros passos, é para enlaçar uma letra com outras e formar palavras, para unir palavras e formar ideias, é como o jardim de infância, o pré-escolar, onde se desenvolvem habilidades, destrezas, hábitos e conhecimentos que permitem a começar e seguir. (Macedo & Mazilão Filho, 2013, p. 253).

As 65 aulas são divididas em três etapas:

- treinamento, em que são realizados exercícios psicomotores e familiarização com o material didático, como segurar o lápis, etc.;

- ensino da leitura e da escrita, focado no código escrito;

- a partir da 46ª aula, introdução às operações fundamentais da matemática;

- consolidação das letras, redação de parágrafos e a avaliação final, realizada a partir da escrita de uma carta na última página da cartilha.

A base do SEP é a memorização de letras retiradas de palavras previamente apresentadas nas vídeo-aulas, em uma espécie de “novela de alfabetização”. O educador é entendido como um aplicador e facilitador do método. Na Campanha Nacional de Alfabetização, os três meses do SEP deveriam ser seguidos por mais cinco meses com material de apoio produzido pelo próprio Movimento, tendo por referência os Círculos de Cultura de

Paulo Freire. Assim, O MST passou a chamar a Campanha de Sim, Eu Posso! – Círculos de Cultura, concretizando algo que João Pedro Stédile anunciava em 2007:

O projeto cubano é uma grande sacada. Nem deve ser chamado de cubano, porque no fundo eles uniram a pedagogia do Paulo Freire com a mídia de massas, pra poder massificar. Se não for assim, vira esse negócio de ONG: junta três, leva um ano e não aprende. Quem traduziu o método e passou pro português fomos nós. (Stédile, 2007, s/p)

Depois desses oito meses em que estudam nas áreas do MST com educadores do próprio Movimento, os educandos são estimulados a dar continuidade aos estudos no sistema regular oferecido pelo Estado, na EJA. A Campanha se configura, assim, como um momento de mobilização para a conscientização sobre a importância da educação e do estudo, em que a alfabetização é apenas o início da caminhada:

Sim, Eu Posso! - este é o primeiro passo do processo de alfabetização. Um método, que através do uso de uma novela de alfabetização, possibilita ao jovem ou adulto, se apropriar dos códigos da leitura e escrita no período de três meses. O educador será um facilitador do processo de aprendizagem, estando sempre presente. Aprender a ler e escrever é um passo importante, porém nosso dever é a continuidade no processo de alfabetização durante

mais cinco meses, para assim avançar no nível de estudo e de escolarização.

– Depois do *Sim, Eu Posso!*, o educando deverá continuar seus estudos durante cinco meses, orientado pelo educador e com o apoio de um material didático organizado por temáticas que dialogam, problematizam, questionam e projetam transformações na realidade local e global das famílias assentadas e acampadas.

– Após o período de oito meses devemos incentivar os educandos a continuar os estudos, garantindo que os mesmos ingressem na Educação de Jovens e Adultos - EJA da rede regular de ensino. (MST, 2007, p. 13).

Paulo Freire e *Sim, Eu Posso!*

A decisão de adotar o *Sim, Eu Posso!* provocou uma série de discussões dentro do próprio Movimento e fora dele. Isso porque se trata de uma metodologia engessada em passos a serem seguidos por um monitor e que reduz a alfabetização quase que ao seu nível de decodificação. Aparentemente, ao assumir o SEP, o Movimento estaria negando a pedagogia conscientizadora freireana. Porém, o que esta pesquisa mostrou é que o SEP ganhou outros contornos quando foi assumido pelo MST. Ou seja, mesmo que o SEP se apresente como uma metodologia de alfabetização que a restringe como o domínio mecânico do código, um processo de transferência desse código em situações criadas artificialmente para isso e que demandariam apenas um executor do

pacote pré-estabelecido, esse pacote cai nas mãos de educadores formados no Movimento e com profundo enraizamento na pedagogia emancipadora de Paulo Freire. Trata-se, antes de tudo, de um educador progressista, que, nas palavras do próprio Freire:

é aquele que trabalha numa sociedade burguesa de classe como a nossa, por exemplo, e tem o sonho que o transcende, que vai mais além de fazer a escola melhor, mas que é preciso fazer, porque ele sonha é mesmo com a transformação radical da sociedade burguesa, numa sociedade socialista. (Freire, 1985, p. 34).

Um educador que supera as condições concretas de sua formação precária, assim como da precariedade das condições nas quais seu trabalho acontece. Os educadores do MST aprenderam bem esta lição:

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história. (Freire, 2001, p. 16).

De acordo com Miguel Arroyo:

Nessa prática-movimento de educação, ou nessa prática ético-política-educativa, foi sendo elaborada essa concepção de educação, baseada em leituras da educação apreendidas de Paulo Freire pelo coletivo de educadores e em

leituras dos processos que acontecem nas vivências da opressão e da libertação dos oprimidos. (Arroyo, 2012, p. 25).

O perfil das e dos educadores - talvez mais do que o das e dos educandos - foi decisivo na adoção do SEP pelo MST, pois eles compartilham com os educandos o mesmo contexto imediato de vida. Macedo e Mazilão Filho descrevem assim os educandos do SEP, mas pode-se dizer que este também é o perfil dos educadores:

Quanto aos educandos, percebemos que, na maioria dos casos, compartilham padrões semelhantes de perfis e histórias de vida. São pessoas oriundas de famílias pobres e numerosas das zonas rurais onde, desde cedo, ingressaram no mundo do trabalho infantil, dificultando, assim, o acesso e permanência na escola, em idade regular, cujas breves experiências – quando ocorrem – são marcadas por vivências de humilhação, castigo e fracasso escolar. (Macedo & Mazilão Filho, 2013, p. 12).

Diante desse quadro, o SEP se mostra positivo porque possui instrumentos de acompanhamento das turmas e planejamento coletivo sistemático, oferecendo um material simples que orienta o seu passo a passo. Essas condições dão segurança ao educador e ao educando em relação ao percurso pedagógico, o que se mostrou importante na reconquista da autoestima

dos educandos e na construção da segurança pedagógica do educador.

Essa pesquisa acompanhou as turmas da Campanha Nacional de Alfabetização em 2015 e 2017, em assentamentos do Extremo Sul da Bahia, coordenada pela Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, do MST, localizada no Assentamento Jaci Rocha, Zona Rural, às margens da BR101, Km 831, em Prado. A região é constituída por três zonas com diferenças significativas entre si: a Litorânea, a Central e a do Oeste. O Extremo Sul abriga algumas das mais belas praias brasileiras e, ao mesmo tempo, sofre com as consequências do latifúndio e do monocultivo. A zona central, onde se localiza a Escola, é, segundo dados do IBGE 2000, a mais povoada, pois reúne três dos municípios mais populosos da região: Teixeira de Freitas, Eunapólis e Itamaraju. Em 2015, a Escola Egídio Brunetto promoveu a primeira Campanha de Alfabetização, identificando educadores e coordenadores, organizando a formação dos educadores e coordenadores bem como fazendo a elaboração e aquisição de materiais didáticos pedagógicos, envolvendo 200 educandos. A segunda Campanha se iniciou em janeiro de 2017, reunindo, na aula inaugural, mais de 500 Sem Terra, educadores e educadoras do campo,

autoridades políticas e amigos do MST, no Assentamento Margarida Alves, em Itabela. Pude acompanhar *in loco* parte da primeira Campanha e todas as fases da segunda Campanha, participando das reuniões com a coordenação da escola, das formações dos educadores, visitando as turmas, participando dos processos de avaliação do processo. Foram matriculados 323 trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra, distribuídos em 30 turmas, de 11 assentamentos de Reforma Agrária.

Durante os três meses do SEP, por iniciativa dos próprios educadores e das próprias educadoras, foram sendo criados materiais pedagógicos com o objetivo de ampliar as atividades do SEP e criar espaços de interação e reflexão. Os materiais produzidos (tais como murais, cartazes, jogos, uma espécie de cartilha) mostraram como esses educadores foram ganhando autonomia e criando soluções para as questões de ensino-aprendizagem para além da lógica do SEP. Nesse sentido, o papel originalmente pensado para eles de ligar e desligar a TV e orientar as atividades da cartilha do SEP foi se transformando e as situações a serem enfrentadas foram exigindo intervenções para além desse papel. Por exemplo, as turmas eram bastante heterogêneas, sendo comum as crianças acompanharem seus pais. A-o educador-educadora acabava

criando formas para que as crianças se integrassem no processo, levando materiais específicos para elas e estimulando a sua participação nas atividades desenvolvidas. No outro extremo, era grande número de idosos matriculados, o que desafiou os educadores a lidar com problemas de saúde, de adaptação à escola, de certa impaciência, do comprometimento da memória; ao mesmo tempo, os idosos oportunizaram uma riquíssima experiência de vida a ser compartilhada. Assim, os diferentes níveis de aprendizagem, de idade, de interesses, de ritmos de aprendizagem foram ganhando soluções para além do rigor dos passos do método cubano.

A orientação do SEP é não interromper as vídeo-aulas, mas os educadores chegaram à conclusão de que funcionava melhor interromper, explicar novamente e dar mais tempo para a atividade ser desenvolvida. O tempo previsto de 15 minutos para conversar sobre a palavra integradora geralmente não era suficiente para todas as informações, causos, relatos trazidos pelos educandos, e esse tempo de interação foi sendo ampliado. Por isso, alguns educadores consideraram que o SEP, em determinado momento, parecia “amarrar” o processo pedagógico. Essa foi a conclusão das análises produzidas pelos educadores ao

final da Campanha de Alfabetização no Extremo Sul da Bahia, durante o Seminário de Avaliação e Síntese dos Processos de Alfabetização, realizado nos dias 20 e 21 de novembro de 2017, no escritório Fidel Castro, em Eunápolis.

Considerações finais

Constatou-se, a partir do acompanhamento das Campanhas no Extremo Sul da Bahia, que o SEP foi eficaz ao levar educandos que sequer conseguiam pegar no lápis a aprenderem todas as letras, escrever o próprio nome, ler palavras e pequenas frases. Para além do próprio método, os-as educadores-as avaliaram que esse resultado teve relação com o planejamento coletivo semanal - com a presença da coordenação -, assim como com as formações ao longo do processo.

Por outro lado, de acordo com os-as educadores-as militantes, o que move as pessoas são as necessidades, o que os-as mantêm em movimento são os objetivos, os princípios e os valores. E as educadoras e os educadores do MST são movidos pelos princípios da pedagogia de Paulo Freire, expressão, segundo Miguel Arroyo, de uma “concepção e prática pedagógicas construídas e reconstruídas nas experiências sociais e históricas de

opressão e nas resistências dos oprimidos, dos movimentos sociais pela libertação de tantas formas persistentes de opressão”. (Caldart *et al.*, 2012, p. 554). Uma característica importante desses educadores é que lutam para a organização política da sociedade, participam das diferentes atividades do Movimento, estão em constante marcha revolucionária. Vivenciam cotidianamente na organização dos acampamentos e assentamentos a experiência coletiva da relação entre leitura do mundo e o engajamento para a luta por outra sociedade.

É marca da caminhada do Movimento na EJA que:

no intuito de superar o problema do analfabetismo, os movimentos sociais do campo têm desenvolvido uma multiplicidade de experiências metodológicas de alfabetização de adultos. As referências teórico-metodológicas buscaram de alguma forma apoiar-se na vertente pedagógica da educação popular; mas é importante enfatizar que em cada lugar, as comunidades rurais e/ou o professor/alfabetizador, no processo de organização das turmas, desenvolveram experiências de alfabetização utilizando-se de diversos meios de proporcionar aos jovens e adultos o acesso às primeiras letras. (Caldart *et al.*, 2012, p. 284).

Assim, o SEP foi se modificando a partir das referências freireanas do próprio Movimento e de seus educadores. Em sua adaptação pelo MST, a aula passou a ter duas horas, ampliando-se o tempo de

interação entre educador e educandos e a possibilidade de mais atividades orais e escritas para além das previstas na vídeo-aula e na cartilha. O MST abriu duas importantes intervenções pedagógicas: o trabalho com a palavra integradora (o que amplia a ideia de palavra chave do *Yo, Sí Puedo*) e o tempo de diálogo. A palavra integradora não tem a mesma natureza da palavra geradora, uma vez que vem dada na novela e não passa pelo processo de construção dialógica e coletiva a partir da realidade dos educandos, mas é uma tentativa de dar sentido às palavras trabalhadas no vídeo/cartilha, reconhecendo a necessidade de que ela seja, como indica Freire (1982) uma *palavramundo* e que a *leitura do mundo preceda a leitura da palavra*, tecida na *troca de saberes*:

Partindo dos conhecimentos prévios dos alfabetizandos acerca dessa palavra, o alfabetizador deve conduzir de forma descontraída, porém intencional, abordagens que permitam identificar o uso da palavra a ser estudada na vídeo-aula. Isso exige que o alfabetizador planeje essa forma de dialogar, procurando identificar e significar a palavra trabalhada a partir da experiência do cotidiano dos educandos, conversando sobre ela, fazendo questionamentos, possibilitando a valorização e socialização dos diferentes saberes. A concretização do diálogo entre alfabetizandos e alfabetizador, numa relação de horizontalidade, permitirá a troca de saberes entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

(Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, 2016-2017, s./p.).

Mesmo que de forma bastante incipiente, se instala dentro do SEP um micro-Círculo de Cultura, que vai trazendo novos elementos na relação pedagógica.

A experiência com o SEP mostrou a necessidade de subsidiar o trabalho do educador não só com cadernos de orientações metodológicas, mas com materiais destinados aos-às educandos-as. Mostrou, também, que os educadores vão superando o SEP e construindo outro método, na perspectiva do inédito-viávelⁱⁱ, pois, na medida em que “aplicam” o método, se sentem tolhidos por ele, fazendo emergir a necessidade de uma prática mais freireana dentro do SEP.

Nos mais de 30 anos de história do MST, foram muitas as parcerias e com elas as mais variadas concepções de alfabetização que foram adentrando o cotidiano dos alfabetizadores da EJA, tal como aconteceu com o SEP. Porém, a presença dos fundamentos da pedagogia de Paulo Freire se mantém firme. É o que se pode perceber por meio da fala das e dos educadores da Campanha, entrevistados durante essa pesquisa. Uma delas afirma sua formação no MST e o aprofundamento que essas formações fazem da pedagogia freireana:

Porque antes eu passei a minha vida inteira trabalhando com Geografia e História. O que eu não aprendi em dezoito anos na educação lá fora, eu aprendi aqui em dois anos. Porque as capacitações assim é voltada para aquilo ali e a gente vai pra aquele objetivo. Então, é muito gratificante. E que lá fora você fica a vida inteira dando história e geografia, o trem já vem arrumadinho de lá, você só passa o conhecimento, né? ... Lá fora, quando eu trabalhava lá fora, para lhe ser sincera, eu conhecia Paulo Freire porque eu já dei aula num colégio, em Itamaraju, do município, que tinha Paulo Freire. Mas eu não conhecia nada daquele homem. Até mesmo, toda vida eu dei geografia e história e nunca me preocupei. Quando eu vim aqui pro movimento, eu ouvia tanto falar em Paulo Freire, todo mundo falava de Paulo Freire, eu falei: “Gente, agora eu tô curiosa. Eu vou só comprar um livro desse homem”. Aí o primeiro livro do Paulo Freire que eu comprei é aquele, O menino que lia o mundo. Menina, quando eu terminei, eu li o livro assim, e uns três dias acabou. Aí eu falei: “Gente, esse homem tava no caminho certinho”. É assim que a coisa tem que acontecer. E aí, gente eu comecei a ver assim, porque agora esses dias eu estava até falando assim. Eu falei: “Menina, eu se eu tivesse assim, a coragem de Paulo Freire, eu estava dando aula aqui, do jeito dele, porque ele dava aula até sem lápis”. Na época teve que sair do Brasil, não sei o que, e aquela história toda. (Entrevista concedida à autora, 2017).

O MST, sujeito pedagógico fundamentado na pedagogia do oprimido, vai construindo práticas pedagógicas que surgem como respostas às demandas de cada realidade, recriando a pedagogia freireana. Respostas que levam em conta o

imprevisível, pois, como bem resume o Pastor Werner Fuchs: “Não é possível organizar o imprevisível. Metodologia alguma ensina isso. Para o imprevisível é preciso uma opção clara, que pode ser explicitada pela metodologia.”ⁱⁱⁱ E os princípios da pedagogia de Paulo Freire são fundamentais para o Movimento organizar suas ações na educação, diante dos imprevistos, sem perder sua aquilo que lhe é essencial e o define. Assim, há um intenso movimento de construções e reconstruções pedagógicas que acontecem no caldo de informações, concepções, contradições onde se dá a alfabetização de jovens e adultos no MST. E esse movimento precisa ser constantemente pesquisado, registrado e refletido, pois contém ressignificações importantes da pedagogia freireana, fundamentada na ideia de que “o mundo não é, o mundo está sendo”. (Freire, 1983, p. 46).

Referências

Arroyo, M. G. (2012). *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Beisiegel, C. R. (2013). O pensamento de Paulo Freire: suas implicações na Educação Superior Eduardo Santos e Manuel Tavares conversam com o Professor Celso Rui Beisiegel. *Revista Lusófona de Educação*, 24(24), 165-180.

Bogo, A. (2013). *O pedagogo da esperança e da liberdade*. 2013.

Caldart, R. S. (2000). *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Caldart, R. S. et al. (Orgs.). (2012). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.

Freire, P. (1982). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, SP: Cortez.

Freire, P. (1983). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Freire, P. (1985). Amílcar Cabral: o pedagogo da revolução. Palestra: Curso de Mestrado da Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 8 de novembro de 1985. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/amilcar.pdf>
[Acesso 14/04/2017](http://forumeja.org.br/files/amilcar.pdf)

Freire, P. (1997). Paulo Freire e MST - Somente pela luta teremos a Libertação. Recuperado de: <http://www.youtube.com/watch?v=qQUtkvjNhSQ>

Freire, P. (2001). *A educação na cidade*. São Paulo, SP: Cortez.

Gonzalez, A. (2016). Estudo mostra concentração de terras no Brasil, expressão máxima da desigualdade. Recuperado de: <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/estudo-mostra-concentracao-de-terras-no-brasil-expressao-maxima-da-desigualdade-social.html>

Macedo, M. S. A. N., & Mazilão Filho, A. (2013). Práticas de alfabetização com o método Yo, sí puedo em assentamento do MST. *Educação*, 36(3), 352-362.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (2016-2017). *Guia Metodológico: método de alfabetização*

Sim, Eu Posso! Círculo de Cultura. Bahia, impresso.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (2007). *Campanha Nacional de Alfabetização - Todos e todas Sem Terra estudando*. São Paulo. Recuperado de: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/cadernos>

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Construindo o caminho*. São Paulo, 2001.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (1996). *Caderno de Educação nº 8: princípios da educação no MST*. São Paulo. Recuperado de: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/cadernos>

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Quem Somos*. s/d Recuperado de: <http://www.mst.org.br/quem-somos/#full-text>

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Surge o MST*. s/d. Recuperado de: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86/>.

PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2012). Recuperado de: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm

Stédile, J. P (2007). Entrevista concedida à revista Piauí, 15 jun. 2007. Recuperado de: <http://www.revistapiaui.com.br/upload/MSTStedile.pdf>

Strek, D., Redin, E., & Zitkoski, J. (Orgs.) (2010). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

ⁱ O nome original do método é *Yo, sí puedo*.

ⁱⁱ Trata-se de uma categoria freireana, usada pela primeira vez em *Pedagogia do Oprimido*. Segundo Ana Maria Freire, no verbete do *Dicionário Paulo Freire*, “O ‘inédito-viável’ é, na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade”. (Streck *et al.*, 2010, p. 224).

ⁱⁱⁱ Entrevista da autora.

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 24/07/2018
Aprovado em: 10/11/2018
Publicado em: 24/04/2019

Received on July 24th, 2017
Accepted on November 10th, 2018
Published on April, 24th, 2019

Contribuições no artigo: A autora foi responsável por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final a ser publicada.

Author Contributions: The author was responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version to be published.

Conflitos de interesse: A autora declarou não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Elisiani Vitória Tiepolo

 <http://orcid.org/0000-0002-0436-6806>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Tiepolo, E. V. (2019). Paulo Freire e a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 4, e5676. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e5676>

ABNT

TIEPOLO, E. V. Paulo Freire e a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 4, e5676, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e5676>